

# Governo em vantagem

A recomposição da base parlamentar do Governo, a partir da reforma ministerial, vem operando idêntica e inevitável turbulência nas oposições. Desarticuladas, em parte, pela inapetência política do Presidente — que somente agora decide investir concretamente no Congresso —, e, em parte, por confusões de sua própria lavra, as oposições tratam também de unir-se. É o imperativo da sobrevivência — mas não é fácil. Há interesses divergentes, aguçados em ano eleitoral.

Desde que Lula abdicou da condição de líder natural das oposições — fruto dos 31 milhões de votos que obteve no segundo turno da eleição presidencial — e desistiu de disputar um mandato parlamentar ou executivo no ano seguinte, a oposição, que se unira em um mesmo palanque, em torno de seu nome, fragmentou-se. E enfraqueceu-se. Desunida, voltou a cultivar complicadas — e antigas — idiossincrasias.

Lula e Brizola, por exemplo, vivem a ciclotimia de sempre. Já estiveram juntos e já estiveram separados; já se ofenderam gravemente e já rasgaram sedas recíprocas em público. Lula disse certa vez que Brizola pisaria no pescoço da própria mãe para ser Presidente; Brizola disse que Lula era um sapo barbudo, difícil de digerir. E assim por diante. Presentemente, não se cumprimentam. Brizola, há dias, é verdade, acenou em direção a Lula, mas de modo ambíguo. Disse que gostaria de abraçá-lo, mas o faria com tal força que lhe quebraria todas as costelas; não uma ou duas, mas todas.

Lula naturalmente terá razões para evitar esse abraço. O certo é que, a menos que algum fato novo ocorra, os contatos entre PT e PDT devem continuar restritos a ações em torno de propostas específicas, no âmbito do Congresso. Dificilmente irão aglutinar-se em bloco. E aí não pesam

apenas as dificuldades pessoais recíprocas entre os dois líderes, mas a circunstância de Brizola não pretender encerrar suas relações amistosas, em nível pessoal, com o presidente Collor, que lhe têm sido de grande valia administrativa. Até junho pelo menos, quando se realiza a Rio-92 — e o Rio estará na vitrine do planeta —, Brizola e Collor devem continuar inimigos íntimos. E aí não há espaço para o PT, que não cultiva intimidade nem consigo mesmo.

O eixo da aglutinação oposicionista deveria ser o PMDB, partido majoritário na Câmara e no Senado. Mas também aí há fortes idiossincrasias. Orestes Quérzia, comandante supremo do partido, é tido como intragável pelo PSDB, partido que se formou justamente em represália à sua liderança. Mário Covas e Fernando Henrique Cardoso, duas das principais lideranças da seção paulista dos tucanos, têm a pior das impressões de Quérzia. O mínimo que dele dizem é que é analfabeto por convicção. Aí não parece haver volta. As eventuais ações conjuntas obedecem ao mesmo rito e às mesmas limitações das do PT e PDT.

Presentemente, há articulações entre PDT e PSDB, com vistas até a uma fusão, algo, no entanto, improvável, dadas as restrições que os tucanos fazem ao personalismo de Brizola. O PDT sonha também com o governador de Minas, Hélio Garcia, mas não há sinais de reciprocidade. De concreto mesmo, há as conversações iniciadas por Lula e Fleury em torno de uma ação conjunta no Congresso. Mesmo aí o quadro é problemático, já que o PT professa a oposição ortodoxa e sistemática, enquanto o PMDB prefere o pragmatismo da oposição de resultados. Até aqui, a vantagem é do Governo.